

IV Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia
- Classificar o Mundo -
9-11 de Setembro, ISCTE e ICS

OS SUPORTES HIPERMEDIA E O TRABALHO ANTROPOLÓGICO
Podem as imagens valer tanto como as palavras?

Resumo

Desde os primórdios da disciplina, os antropólogos sempre mostraram uma apetência particular pela utilização da imagem. Mesmo quando o desenvolvimento das tecnologias ainda não permitia uma exploração plena dos meios, já a curiosidade e a vontade experimental faziam com que muitos se fizessem acompanhar dos equipamentos nas expedições ao terreno. Mais de um século depois desta ligação ter começado, a antropologia está longe de assegurar a definição clara de uma função e de um lugar para a imagem. A contradição entre simples aplicações documentais e ilustrativas e os projectos para uma disciplina capaz de produzir um 'conhecimento sensorial' dos objectos; a incompatibilidade entre metodologias objectivas e subjectivas; a incoerência e a desarticulação do campo subdisciplinar, são algumas das manifestações da ambiguidade do estatuto conferido pela antropologia às suas expressões visuais.

Depois das revisões pós-modernas e pós-coloniais terem abalado as certezas logocêntricas, criaram-se condições para resolver equívocos e desencontros e repensar o enquadramento das imagens na investigação e no conjunto das práticas antropológicas. Na última década, o aperfeiçoamento do hipermedia veio disponibilizar a infra-estrutura tecnológica que faltava para se começar a trabalhar em novas formas de proceder à integração de imagens, palavras e sons nos conteúdos da antropologia. Perante as oportunidades oferecidas pela digitalização e alguns dos resultados promissores já alcançados, impõe-se uma reflexão sobre a utilização do hipermedia que exponha, não só as potencialidades e os ganhos representados por estes suportes, mas também alguns dos problemas conceptuais e dificuldades práticas por eles causados. É sobre estes meios e as mudanças que no futuro trarão para a forma de fazer antropologia que nos debruçaremos.

Comunicação

Queria começar por **felicitar os colegas** responsáveis pela organização deste painel, exclusivamente dedicado aos processos ditos de 'digitalização da antropologia'. Faço-o não só para distinguir a iniciativa e os seus proponentes, mas porque penso que temos razões para nos congratularmos com a inclusão num congresso nacional de um domínio emergente mas tão estimulante, quando se trata de pensar alguns temas chave para o desenvolvimento da perspectiva antropológica. Demonstra-se deste modo que os antropólogos portugueses conseguem acompanhar cada vez mais de perto os aspectos centrais da evolução global e local das sociedades e sabem fazer repercutir na prática e na reflexão disciplinar as mudanças registadas. Trata-se, sem dúvida, de um sinal de amadurecimento da antropologia portuguesa.

Nesta altura, a minha relação com o digital é movida por **interesses** menos práticos que **conceptuais**. Temos todos vindo a assistir ao crescimento fulgurante das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) e à potenciação da informática através dos recursos comunicacionais e

verificado que, hoje como no passado com a fotografia e o cinema, são os antropólogos que se destacam entre os cientistas sociais na exploração destas novas plataformas, em particular das que permitem a integração de conteúdos em formatos multi e hipermedia. As aplicações desenvolvidas na última década com estas ferramentas, apesar de terem muitas vezes um cunho experimental, próprio de áreas novas em que não há ainda modelos constituídos de trabalho e de estarem, além disso, sujeitas ao desgaste provocado pela evolução muito rápida das bases tecnológicas, revelam um enorme potencial transformador. Não é por enquanto claro, qual o grau de penetração e de influência que estes instrumentos virão a alcançar na disciplina, mas o aperfeiçoamento das tecnologias e o aumento do número de investigadores dispostos a recorrer às alternativas digitais, poderão vir a criar condições para que, a prazo, se dê uma renovação significativa, tanto das metodologias etnográficas, como das formas de construção e transmissão do conhecimento antropológico.

O **propósito da minha comunicação** é precisamente tentar fazer uma avaliação descomprometida e tanto quanto possível sistemática das utilizações do hipermedia, considerando, por um lado, os ganhos obtidos pela novas formas de apresentar e combinar imagens, textos e sons nas representações etnográficas e na análise antropológica e, por outro, as dificuldades práticas, os problemas teóricos e as questões epistemológicas que são espoletadas e que, ao desafiarem as formas de trabalho instituídas e os cânones da disciplina, podem frustrar pelo menos as aplicações mais alargadas e inovadoras destes meios.

Não foi por acaso que escolhi, num tom um pouco provocatório, a interrogação 'Podem as imagens valer tanto como as palavras?' como subtítulo desta minha intervenção. Não pretendo obviamente discutir o valor absoluto ou a supremacia proverbial de qualquer um dos meios, mas chamar a atenção para a tradicional **divisão entre antropologia escrita e antropologia visual** e para o facto de que o hipermedia, ao facilitar o acesso e a ligação das imagens ao trabalho antropológico, estar a quebrar antigas barreiras e a promover uma paridade sem precedentes das expressões textual, visual e sonora.

Até hoje e independentemente do que alguns discursos mais conciliatórios possam afirmar, a **matéria da antropologia**, aquilo que dá forma e substância à disciplina, desde as interações verbais com os informantes, às notas nos cadernos de campo e aos momentos mais abstractos de análise e teorização, têm sido invariavelmente e quase só **as palavras**. Num artigo sobejamente citado, Margaret Mead (1975:5,6) lamenta este domínio

da forma textual e explica-o com base na urgência duma certa antropologia de resgate, própria de meados do século XX, e preocupada em salvaguardar a memória de culturas em extinção, factor a que a autora acrescenta as exigências técnicas e os custos da utilização dos recursos audiovisuais. Ou seja, aos antropólogos teriam faltado sistematicamente o tempo, as competências e o dinheiro necessários para tornar as imagens uma base de trabalho¹.

Estas razões práticas não serão indiferentes a este estado de coisas, mas estamos longe do **motivo essencial**. É preciso não esquecer que a antropologia nasce e se desenvolve dentro de uma **cultura científica** que menoriza a imagem e confia muito mais na linguagem para levar a cabo os processos de investigação. Os antropólogos sempre estiveram votados à construção de abstracções através das quais pretendem alargar a compreensão das estruturas sociais e, por isso, submetem-se a uma demanda holística de regras e generalizações em que as particularidades reveladas pelas imagens, ou são dispensáveis, ou só podem desempenhar papéis muito confinados. O essencial, portanto, tem que ficar reservado à estabilidade dos códigos linguísticos e à **segurança dos processos de escrita**, estes últimos absolutamente naturalizados até há bem pouco tempo e considerados completamente autónomos e transparentes, tanto pelo senso comum como pelo pensamento académico. (Williams, 1983:1,2).

Não será por isso de estranhar que, para o *main stream* antropológico, a **fotografia e o cinema** tenham funcionado desde o começo apenas como **meios auxiliares de investigação**, recursos interessantes quando se trata de ilustrar ou validar constatações e argumentos que nascem da textualidade e do debate de ideias, mas que não podem por si sós gerar esse tipo de mais-valias cognitivas. Esta subalternidade forçada da imagem é um dado confirmado pela generalidade dos autores, nomeadamente por George Marcus quando denuncia a incapacidade dos filmes etnográficos para servirem de “argumentos na discussão das representações etnográficas de determinados temas, assim como para alterar no fundamental a maneira como os antropólogos vêem ou pensam os seus objectos de estudo” (Marcus, 1994:38).

Uma boa parte das fotografias e dos filmes feitos por antropólogos inscrevem-se neste registo subsidiário em que ou se está a captar imagens

¹ São várias as leituras possíveis para a dependência textual da disciplina. MacDougall, por exemplo, dá uma explicação historicamente mais situada. No princípio do século XX, quando a disciplina estava ainda em formação, o cinema não teria atingido o grau de evolução técnica necessário para ser aplicado ao exame das relações sociais; quando finalmente se sofisticou, já os antropólogos se haviam tornado dependentes de formas de trabalho de campo e de observação assentes nas palavras trocadas e recolhidas.

durante o trabalho de campo, com o objectivo de mais tarde serem analisadas conjuntamente com outros materiais, ou então se está a tentar produzir um retrato visual duma realidade previamente investigada por outros meios, com o intuito de o utilizar no ensino e na divulgação da antropologia. Em qualquer dos casos, devemos concluir, como outros fizeram antes de nós, que aquilo que é fundamental no trabalho antropológico não acontece no momento de produção das imagens: ou já está feito ou será feito mais tarde (MacDougall, 2006:264).

Este género objectivista e instrumentalizado da etnografia visual, descendente da visão científica positivista dos primeiros cineastas e fotógrafos da antropologia, nunca teve dificuldades em se afirmar e integrar na tradição e nos padrões da prática disciplinar. O mesmo já não se poderá dizer das **concepções mais cinemáticas**, essas sim objecto de acesas discussões e motivo de muitas das controvérsias que animam os fóruns da antropologia visual. Nascidas fora da disciplina e adoptadas por antropólogos menos ortodoxos na segunda metade do século XX, estas concepções têm estado apostadas em consagrar uma forma distintamente visual para a antropologia, de modo a que ela possa guiar-se por princípios próprios e não por adaptações das regras científicas que se aplicam às formas literárias da disciplina. As explorações cinematográficas de duas ou três gerações de autores foram materializando esta ruptura e tornando necessária uma reconceptualização das perspectivas seguidas pela antropologia visual, tarefa que começou a ganhar forma mais definida com os contributos recentes de **David MacDougall**.

Para este realizador e teórico contemporâneo, no seguimento do que havia sido ensaiado por outros precursores², os filmes etnográficos devem abandonar o que podemos chamar o paradigma do 'olho mecânico' e deixar-se contaminar pelas estruturas expressivas dos meios audiovisuais, aproveitando sempre que necessário as estratégias narrativas desenvolvidas pelo cinema. Devem também focalizar-se em áreas da vida social e da cultura que têm uma comprovada expressividade visual, não para se dedicarem exclusivamente aos aspectos visuais, mas para os usarem como porta de entrada para domínios como o dos sentimentos e do intelecto, que não estão tão expostos, nem podem ser abarcados recorrendo apenas ao sentido da visão.

Num terceiro ponto programático, MacDougall demarca-se claramente dos princípios de cientificidade que regiam as práticas mais antigas da

² Refiro-me em particular a Rouch, Marshall e Gardner.

antropologia visual, ao propor que a discussão dos filmes etnográficos não seja feita em termos de validade informativa ou representacional, como se estivéssemos a lidar com conteúdos compostos por proposições verbais. No essencial, os filmes para ele devem ser considerados formas pré-linguísticas, que se exprimem mais por objectos do que por palavras e nos colocam perante imagens de presenças físicas e não perante conhecimentos. O que se pode esperar deste tipo de cinema etnográfico corresponde mais a uma apresentação visual de objectos e a um refazer por imagens das experiências sociais dos indivíduos e do seu conhecimento sensorial³. A intersubjectividade aparece como único princípio de legitimação adiantado por MacDougall para este modo de realização de conteúdos visuais: as experiências humanas do mundo que nos são transmitidas em cada filme, chegam-nos filtradas através da experiência de vida do realizador e são vistas pelos espectadores à luz da sua própria experiência dos lugares, pessoas e situações exibidos. O conhecimento que podemos ter de cada objecto que nos é mostrado, resulta menos da sua descrição visual do que do seu reconhecimento, i.e. da consciência directa que dele possuímos, sem a interferência de nenhum processo envolvendo o estabelecimento de 'verdades'.

As propostas de MacDougall constituem um desafio aos princípios e às formas de conhecimento instituídas na antropologia visual, mas, no que diz respeito à construção epistemológica e metodológica do seu programa, os argumentos apresentados são mais sustentados e desenvolvidos na recusa do modelo científico, do que na formulação de formas de legitimidade alternativas.

Está na altura de perguntar como é que a **chegada do hipermedia** pode intervir neste cenário. A minha convicção é que a manipulação conjunta de filmes e textos, fotografias e sons em ambientes hipermedia é **susceptível de fazer avançar a discussão em torno das questões da representação** recolocadas por MacDougall. Em si mesmas, estas aplicações tecnológicas não obrigam a mudar radicalmente os modos de representação; nelas podem pura e simplesmente ser reproduzidas as convenções e os objectivos dos meios pré-existentes (Pink, 2007:192). Mas, se entendermos as tecnologias digitais como uma resposta a necessidades sócio-culturais de inovação, elas criam uma oportunidade e um contexto favoráveis ao desenvolvimento não só de novas relações entre dados e teoria, como ao alargamento da reflexão crítica e metateórica. O que se pode esperar, à medida que o uso destas aplicações se for

³ Isto é, do modo como as pessoas percebem e interagem com o seu ambiente e com as formas naturais e culturais que o povoam.

consolidando, é o surgimento das novas regras e formas de validação do conhecimento a que apelava MacDougall, pensando especificamente no domínio cinematográfico da antropologia. Cumpre-se também o desejo de Marcus há quinze anos atrás, quando reclamava, de modo premonitório “uma nova arena de debate em que as diferenças entre estes dois meios de representação (refere-se ao filme e à escrita etnográfica) e a possibilidade de reconstituição do que é, ou devia ser, o conhecimento antropológico, possam ser discutidos, tendo como ponto de partida o reconhecimento de existe uma certa identidade e igualdade do valor intelectual de ambos” (Marcus, 1994: 38).

Certo e seguro é que a unificação dos meios potencia e enriquece a descrição e análise antropológicas. Aproximar e entrelaçar imagens e textos adensa e simultaneamente refina a expressão de ideias e de acontecimentos. A *thin description* (descrição fina) proporcionada pelas imagens dá-nos o registo visual, as formas dos objectos e dos comportamentos ao qual se junta a *thick description* (descrição densa) das palavras apostas, dos significados dos contextos sociais visualmente descritos, umas e outras permitindo-nos confrontar directamente o que foi visto e o que foi entendido (Hastrup, 1992:10).

Outro aspecto que merece destaque e em que o efeito revolucionário dos formatos hipermedia se faz sentir é na **estruturação multilinear dos conteúdos**. Mais uma vez, a multilinearidade não é compulsória⁴ mas cada autor, de acordo com a sua intencionalidade e à medida dos materiais de que dispõe, pode expor ideias e organizar conteúdos criando diferentes linhas narrativas e conectando-as através de hiperligações. Esta aliás parece ser a forma apropriada de representar o mundo, dada a crescente complexidade contemporânea da cultura e da vida social dos indivíduos, aos quais a globalização tem vindo a arrastar para relações menos localizadas e mais fragmentárias. O hipermedia pode ser a ferramenta ideal para produzir as tão necessárias abordagens multisituadas, capazes de dar uma visão panorâmica, em sucessivos quadros, destas existências modernas que se repartem por vários mundos paralelos em simultâneo. George Marcus, ao sugerir que a escrita etnográfica se deixasse inspirar pela montagem cinematográfica, estava a lançar um desafio que agora, com a multilinearidade hipermedia, encontra novas condições de concretização. Significativamente, o autor deixava no ar a hipótese de que a metáfora cinematográfica da montagem fosse extensível à realização de filmes

4 Passam de qualquer modo a existir opções, quando antes só os leitores e os espectadores, através da maneira de aceder aos textos impressos e às sequências filmadas de imagens, podiam contornar a linearidade intrínseca dos processos expressivos.

etnográficos, tornando-os menos conservadores na sua linearidade formal e fazendo com que novas relações entre escrita e cinema pudessem ser exploradas na antropologia (Marcus, 1994: 39,40).

O que o hipermedia vem fazer é aumentar as possibilidades de levar à prática este legado ideológico crítico dos processos de expressão antropológicos, consubstanciado no pensamento pós-modernista, bem como em muitos outros autores e correntes já assimilados pela disciplina. Isso mesmo pode verificar-se, de novo, na maior disponibilidade do hipermedia para **hospedar a heteroglossia** que compõe o mundo contemporâneo (Clifford, 1988: 51). Ao contrário do texto antropológico, que tende a ser monovocal ou, na melhor das hipóteses, a citar sujeitos escolhidos para representar comunidades e grupos, o hipermedia tem a capacidade de acolher as múltiplas subjectividades ouvidas no terreno e os significados derivados da interlocução entre os antropólogos e a pluralidade dessas vozes. A hospitalidade do meio favorece o diálogo e a colaboração, convida os antropólogos a abrir a etnografia à intersubjectividade e à expressão polivocal das perspectivas encontradas, expandindo as metodologias da disciplina em novas direcções e, no limite, materializando a utopia co-autoral e fazendo participar da análise os sujeitos estudados.

Como qualquer outra tecnologia a atravessar a sua fase juvenil, o hipermedia e a sua utilização apresentam, além das potencialidades que acabámos de destacar, uma série de **insuficiências e problemas**, cuja resolução a prazo está, simultaneamente, dependente da evolução no domínio da tecnologia e das condições em que se processa a sua produção e recepção.

Do lado dos produtores, há sérias **limitações ao nível da formação**. Para trabalhar com o hipermedia, os antropólogos precisam de estar familiarizados com a fotografia, o vídeo e o som digital e de dominar ferramentas informáticas específicas, tudo áreas que a formação disciplinar de base não contempla ou para as quais é insuficiente. Reunidas estas competências, há outras de carácter organizativo e analítico que são indispensáveis para dar forma e estrutura à massa de dados que se apresentam em todos os formatos multimédia. Trata-se de tarefas demoradas que muitas vezes ultrapassam a capacidade de trabalho de um antropólogo isolado, exigem o apoio de uma equipa e que podem agravar e tornar inoportáveis as já de si longas durações do trabalho etnográfico.

O **design** é o ponto nevrálgico na concepção e execução do suporte hipermedia. Projectar o documento, as diferentes áreas em que se reparte e as pontes que o ligam, não só em função duma ideia ou modelo que se quer desenvolver, mas de modo a que o plano a executar leve em conta os perfis e os conhecimentos dos utilizadores e preveja as suas estratégias e necessidades, são os dois maiores desafios que é preciso vencer para garantir uma estrutura coerente e uma navegação bem sucedida. As teorias e as interrogações que justificam a opção pelas construções multilíneas, não podem fazer esquecer a perspectiva de quem lê e procura extrair conclusões (unilíneas). Sobretudo em documentos mais abertos e dialógicos, que esperam a participação e os contributos de utilizadores que podem também ser autores, as solicitações da interactividade têm que estar na primeira linha das preocupações de quem desenha os conteúdos. Para os antropólogos, mais do que habituados a só ter que responder pelas convenções rígidas do texto académico, há todo um trabalho de aprendizagem a ser feito, de modo a traduzir nas linguagens digitais as novas preocupações pedagógicas e intercomunicacionais.

Terminaria como comecei, lembrando que uma disciplina que cedo descobriu a sensorialidade, ao pretender que a observação directa da realidade se fizesse mediante a utilização de todos os sentidos, não pode querer continuar a estar encerrada em palavras. O hipermedia permite a fusão dos meios de expressão visuais, escritos e sonoros e a absorção harmoniosa nestes formatos de todas as informações, análises, reflexões e, sobretudo, vozes, que se julguem pertinentes. Ao facilitar o acesso à polivocalidade, o hipermedia transporta a antropologia para uma nova era em que deixamos meramente de 'descrever' para passarmos a 'experienciar' culturas (Anderson, 1999: 4). A '**experienciação das culturas**' será esse estado mediado em que qualquer utilizador, dirigindo-se aos sítios em que estão alojados os suportes hipermedia antropológicos, pode conduzir a sua própria pesquisa e interpretar todos os dados disponíveis, de modo a retirar as suas conclusões e produzir a sua análise pessoal. A partir destes arquivos virtuais, o etnógrafo, os seus leitores ou os sujeitos estudados, são livres de apreciar os documentos primários ou as interpretações produzidas e de lhes juntarem novas análises, contribuindo para reinventar a prática antropológica, ao mudarem do tradicional e quase que exclusivo registo monográfico para uma **antropologia sob a forma de comentário** (Fabian, 2008).

Visto daqui, deste momento no nosso tempo, **esta 'antropologia generalizada'** (Clifford, 1988: 23) pode parecer um sonho, uma quimera idealista, mas poderemos nós deixar de acompanhar a forma como os novos

media são consumidos e apropriados pelas práticas e pelos discursos das culturas e das sociedades contemporâneas? E deixar de seguir na esteira vanguardista dos nossos pais fundadores e andar mais devagar do que Haddon e Meyers quando em 1898 gravaram no Estreito de Torres, em cilindros de cera, o primeiro filme etnográfico, ou do que Breeks e Marshall, que em 1873, sete anos antes das primeiras fotografias de imprensa, publicavam em livro as suas fotos dos *Todas* do Sul da Índia? **Os media, novos ou velhos, não fazem a antropologia, mas esta não pode crescer, nem mudar, excluindo-os, assim como não pode dispor-se a integrá-los, querendo manter-se fiel a perspectivas de trabalho e a preocupações teóricas do passado.**

Bibliografia Citada

- Anderson, Kevin Taylor (1999) Ethnographic hypermedia: transcending thick descriptions. *Sights: Visual Anthropology Forum*. Disponível em <http://cc.joensuu.fi/sights/index.html> [Consult. 31 de Agosto de 2009]
- Clifford, James (1988) *The predicament of culture: twentieth-century ethnography, literature, and art*. Cambridge, Harvard University Press.
- Fabian, Johannes (2008) *Ethnography as commentary: writing from the virtual archive*. Durham, Duke University Press.
- Hastrup, Kirsten (1992) Anthropological visions: some notes on visual and textual authority. In Peter Ian Crawford e David Turton (eds.), *Film as ethnography*, Manchester, Manchester University Press, pp.8-25.
- Marcus, George (1994). The modernist sensibility in recent ethnographic writing and the cinematic metaphor of montage. In Lucien Taylor (ed.) *Visualizing theory: selected essays from VAR*, Londres, Routledge, pp.37-52.
- MacDougall, David (2005) *The corporeal image. Film, ethnography and the senses*. New Jersey, Princeton University Press.
- Mead, Margaret (1975). Visual anthropology in a discipline of words. In Paul Hockings (ed.), *Principles of visual anthropology*, Berlim: Mouton de Gruyter, pp.3-10.
- Pink, Sarah (2007) *Doing visual ethnography: images, media and representation in research*. Londres, Sage Publications.
- Williams, Raymond (1983). *Writing in society*. Londres: Verso.

José Cavaleiro Rodrigues
Escola Superior de Comunicação Social-IPL/CRIA
jrodrigues@escs.ipl.pt

